



Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 5 (2015), pp. 185-187. ISSN: 2240-5437.
<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas>

Intervista a José Tolentino Mendonça

SILVIA CERRONI

Università degli Studi di Roma 2 Tor Vergata
silvia.cerroni@outlook.it

Homem de Igreja e poeta: de onde nasce a exigência poética, se é que se pode falar de exigência?

Para dizer a verdade, sinto a poesia como uma vocação. É um chamamento interior contínuo para viver uma espécie de atenção ao real, uma atenção sem tréguas, sensível ao visível e ao invisível, ao audível e ao inominável. A Palavra, o trabalho com a Palavra, tece a unidade entre a vocação à poesia e ao sacerdócio. Trata-se de uma Palavra incarnada, resistente, insubmissa. Uma Palavra mergulhada no silêncio.

As referências direitas a Deus são escassas nos seus poemas; há uma razão particular, talvez ligada a uma obsequiosa atenção aos mandamentos, ou é uma busca planejada pela ambiguidade?

Eu creio que Deus está por toda a parte. Quanto mais material, mais espiritual, portanto. Prefiro sempre uma linguagem aberta, assumindo mesmo o risco da ambiguidade, do que uma linguagem estreita, sem capacidade de exprimir a complexidade. Confesso que, por vezes, a minha maior dificuldade é em encontrar o vestígio de Deus nos discursos espirituais tipificados. Tudo o que tenta domesticar Deus afasta-se Dele.

Qual é o público a quem são dirigidos os seus poemas?

Aos leitores de poesia, sem qualquer restrição.

De que maneira podemos classificar os grandes temas da sua poesia?

O tema da minha poesia são as condições da existência. É isso que me interessa. Não teorizo: observo. Não imagino: descrevo. Não escolho: escuto.

Que representa “a noite que abre os olhos”, na sua antologia poética?

Esse verso mostra bem o meu dialecto transfronteiriço, porque mistura uma referência a uma canção dos “The Smiths” com a clara evocação da teologia da “Noche oscura” de São João da Cruz. O profano e o sagrado sobem como uma chama única.

Em “Teorema” (José Tolentino Mendonça, *A Noite Abre Meus Olhos*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2014, pag. 71) afirma que o silêncio é uma forma de desobediência: a quem? E de que modo?

O silêncio é uma forma de desobediência à ditadura do ruído que capturou a vida, pelo menos no ocidente. O silêncio mostra que há mais mundos. Nenhuma palavra nos resume. A verdade é trânsfuga como a luz, a primeira e inesquecível luz, da primavera.

Em “Calle Príncipe 25” (pag. 104) lê-se “levamos anos/ a esquecer alguém/ que apenas nos olhou”: refere-se à empatia com a qual somos capazes de “ler” a essência mais profunda do “outro”?

Refiro-me a isto: mesmo numa vida artificial como é, em grande medida, a vida moderna, há uma coisa que não mente, o olhar. Tenho pena que a única ciência relativa aos olhos seja a oftalmologia. Falta-nos uma oftalmosofia. A poesia é uma espécie de oftalmosofia.

Na pag. 143, no poema “As Casas”, acho iluminante a comparação entre nós mesmos e algumas coisas perdidas, embora não definitivamente, na nossa casa; interpreto-a como a inquietude de nos saber num lugar físico mas não sabermos onde procurarmo-nos. Quando, na sua opinião, experimentamos essa condição de dispersão em nós mesmos?

Cada homem transporta dentro de si um infinito. Um infinito de memórias, odores, cores, espaços, rostos, histórias, segredos. Não é assim tão raro, ou tão injustificável, perdermo-nos dentro de nós próprios.

Na pag. 297, num haicai, define o silêncio como uma forma de resistência: resistência entendida como exercício ou como sobrevivência no próprio silêncio interior?

Como acontece frequentemente na minha poesia não há uma resposta única. Ambas as possibilidades estão certas. A ambivalência não é um desabrigo: é uma morada.

Na pag. 362, num outro haicai, aconselha que, mesmo em casos de baixas temperaturas, não se aproxime nunca um coração de neve ao fogo ; isso faz-me pensar que existe um tempo para tudo, uma espécie de iniciação às coisas e portanto pergunto: um coração de neve tem antes que se desgelar para gozar num segundo momento do fogo (preparando-se então a isso), ou pela própria natureza oposta ao fogo, é impossível que se aproxime dele?

Gosto que a poesia seja um mapa de sabedoria, mas também de perigo. Nem por acaso, nesse livro há uma secção intitulada “Guia para perder-se nos montes”.

Na sua poética está muito entranhado o tema do amor. Parece inacreditável como nas suas odes ao Amor de Deus ou por Deus, cada leitor possa encontrar a sua própria experiência amorosa; mas o que é na sua opinião o amor por Deus e de que maneira se distingue de um amor mais carnal, terreno?

O amor é só um. Conhecer um amor é conhecer todo o amor. Desconhecer um amor é ignorar o amor completamente. Por alguma razão, a escrita dos místicos é tão ousadamente erótica. E algum vocabulário da erótica é tão próximo da gramática espiritual.